

## O excesso e a exceção: notas sobre *Ensaio sobre a Cegueira*

Fábio Belo<sup>1</sup>

### O excesso sexual do ver

Há um pressuposto epistemológico da psicanálise que é tomar a exceção como um modelo caricatural do funcionamento psíquico como um todo. Pegue-se a cegueira histórica, por exemplo. É a partir desse caso que poderemos dizer que a visão é, por assim dizer, colonizada pela libido. Não basta tomar o que é lugar comum, isto é, que há prazer / excitação (*Lust*) em ver / ser visto. É preciso tomar a exceção e o excesso (para mais ou para menos) para que esse aporte pulsional e inconsciente se torne visível. O pressuposto epistemológico é também e ao mesmo tempo uma visada metodológica: tomar um evento excepcional como marcador de uma operação psíquica qualquer. Ainda no nosso exemplo, a cegueira histórica marca as operações de defesa e somatização do afeto.

*Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago (1995), se vale de metodologia semelhante: é pelo excesso que é demonstrada uma tese. A primeira interpretação do romance remonta à longa tradição que usa a cegueira como metáfora de nossa incapacidade de perceber e lidar de forma prudente com nossos excessos. O *locus horrendus*, a distopia mostrada no mundo habitado por cegos pode ser lido como uma advertência. É justamente no nosso mundo de videntes que trancafiemos os diferentes, que estupramos nossas mulheres, que lutamos por comida, incapazes de solidariedade e democracia.

Para a psicanálise, este uso literário da cegueira é fundamental. Desde a peça de Sófocles, *Édipo Rei*, usada por Freud para descrever o Complexo de Édipo, a cegueira de Édipo é interpretada como um modo distinto de ver. Édipo, depois de devastado pelos efeitos de sua *hybris*, se cega. É como se quisesse dizer: vendo, não fui capaz de ver; agora, cego, vejo melhor a potência dos deuses aos quais quis me opor e sobrepujar. Nesta peça e também em larga tradição literária, o cego – Édipo no final, Tirésias ao longo dela – é o que vê melhor no sentido de que sabe que há importantes modulações entre o que se pode e o que se deseja ver; entre o que se deve e o que não se deve ver.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de Psicanálise, na UFMG. [www.fabiobelo.com.br](http://www.fabiobelo.com.br)

Um texto do início da trajetória de Freud (1910), “A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão”, trata desta questão da cegueira histórica de forma bem interessante e é a partir de uma leitura laplancheana deste artigo que farei algumas considerações sobre o romance de Saramago.

Em seu artigo, Freud (1910) argumenta que o conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu (*Ichtrieben*) faz com que as ideias relacionadas à visão e que atuam no sentido de trazer um prazer proibido para a consciência sejam recalçadas. O autor explica:

Suponhamos que a pulsão sexual parcial que se utiliza do olhar, o prazer / a excitação sexual em olhar (*Schaulust*), atraiu sobre si a ação defensiva das pulsões do eu, em consequência de suas exigências excessivas, de maneira que as ideias através das quais seus desejos se expressam sucumbam ao recalçamento e sejam impedidas de se tornar conscientes; nesse caso haverá uma perturbação geral da relação do olho e do ato de ver com o eu e a consciência. O eu perderia seu domínio sobre o órgão, que ficaria, então, totalmente à disposição das pulsões sexuais recalçadas. É como se o recalçamento houvesse sido exagerado pelo eu, como se tivesse despejado a criança com a água do banho: o eu se recusa a ver outra coisa qualquer, agora que o interesse sexual em ver se tornou tão predominante. Mas o quadro alternativo parece mais importante. Este atribui o papel ativo em vez disso ao prazer recalçado de ver. É a vingança, a indenização da pulsão recalçada por ter sido impedida de maior expansão psíquica, tornando-se capaz de ampliar seu domínio sobre o órgão que está a seu serviço. A perda do domínio consciente sobre o órgão é o substituto prejudicial para o recalçamento que malogrou e que só se tornou possível a esse preço. (Freud, 1910 / 1970, p. 201-2; Freud, 1910/1999, p. 99).<sup>2</sup>

A explicação é clássica: o eu é proibido de ver qualquer outra coisa, já que o prazer sexual de ver se tornou predominante. É como se o eu dissesse: “Porque quiseste mal-utilizar seu órgão de ver para maus prazeres/más excitações sensoriais (*böser Sinneslust*), é justo que nunca mais vejas nada” (Freud, 1910 / 1970, p. 202; Freud, 1910/1999, p. 100). Freud diz que a lei de talião é comum ao funcionamento do inconsciente e lembra a lenda de Lady Godiva. Obrigada a andar

---

<sup>2</sup> Todas as traduções de Freud serão modificadas a partir do cotejamento com a obra em alemão, também citada na bibliografia.

nua pela cidade, para que o governante perdoe a dívida dos pobres, todos se escondiam. Aquele que ousou olhá-la foi punido pela cegueira.

Freud ainda debatia com a tradição médica da época e finaliza o artigo dizendo de uma possível alteração *tóxica* no órgão da visão que o faz funcionar “como um genital” (Freud, 1910 / 1970, p. 203; Freud, 1910/1999, p. 101) e ainda se questiona se algumas “condições constitucionais” devem estar presentes para que tal sintoma tenha lugar.

Destaquemos, então, a estrutura do texto freudiano: partindo de uma exceção, um sintoma excepcional, que é a cegueira histérica, ele propõe uma lei universal sobre o recalçamento: ali onde houver excesso de sexual e o recalçamento falhar, poderá haver um sintoma como este, de tal forma a preservar a integridade das defesas morais do eu.

Lembro que no início de seu artigo, Freud quer se distanciar da hipnose. Que a cegueira histérica possa ser criada pelo hipnotismo, não há dúvida. A questão se coloca sobre as razões de tal sintoma acontecer sem a intervenção do hipnotizador. É neste sentido que Freud vai insistir na prioridade do sexual e não da defesa: é pelo excesso do sexual e não porque simplesmente há defesa que tal sintoma se produz.

### **Os sonhos em *Ensaio sobre a Cegueira***

No romance de Saramago há alguns sonhos. Gostaria de tomar esta via para analisar o romance e tentar mostrar como o excesso do sexual está presente e como ele tenta ser metabolizado por aqueles acometidos pela cegueira.

O primeiro sonho é do primeiro cego:

Imediatamente sonhou que estava a jogar o jogo do E seu eu fosse cego, sonhava que fechava e abria os olhos muitas vezes, e que, de cada vez, como se estivesse a regressar de uma viagem, encontrava à sua espera, firmes e inalteradas, todas as formas e cores, o mundo como o conhecia. (Saramago, 1995, p. 17).

Um primeiro recurso do eu diante de uma perda é recusar, nos sonhos, que perdeu algo. O trauma é negado e a forma narcísica perdida é restituída. O sonho realiza um desejo do eu, mas também um desejo inconsciente de manter firme e

inalterada a forma do eu ideal. No entanto, frente à permanência da perda, o eu pode se adaptar e se modificar. Veremos, no final do primeiro capítulo, que o primeiro cego irá sonhar “que estava cego” (Saramago, 1995, p. 24).

Outro sonho é descrito como coletivo e se dá quando o grupo que sai do hospício no qual estava internado aguarda a mulher do médico voltar com comida:

O rapazinho estrábico foi o primeiro a levantar a cabeça, não pôde fazer mais do que isso, a fraqueza não deixava, os outros tardaram um pouco mais, estavam a sonhar que eram pedras, e ninguém ignora quanto é profundo o sono delas, um simples passeio ao campo o demonstra, ali estão dormindo, meio enterradas, à espera não se sabe de que despertar. (Saramago, 1995, p. 227).

Apesar de não ser de um sonhador especificamente, o recurso literário permite compreender a realização de um desejo do eu e de um desejo inconsciente: frente à fome atroz, o eu se transforma em pedra. Mais uma vez, temos também a realização de um desejo inconsciente, ligado ao ideal do eu, que se recusa a dobrar-se diante das necessidades do corpo: não passo fome, nem que por isso tenha que me transformar em pedra. A lógica do excesso está presente nesta defesa contra o excesso.

O terceiro sonho é da “rapariga dos óculos escuros” que sonha com a mulher do médico e a imagina bonita no sonho (Saramago, 1995, p. 267). Um sonho de gratidão, por assim dizer, já que é a mulher do médico quem a acolhe e protege. Não por acaso é o elemento de excitação / prazer que é escolhido como índice de identidade visual daquele que cuida. A rapariga que é garota de programa sabe da importância deste índice para atrair o outro, convocá-lo sexualmente.

O sonho ainda aparece duas vezes como um tipo de advertência no romance. A mulher do primeiro cego diz: “Tudo isto me continua a parecer um sonho (...) é como se sonhasse que estou cega, Quando eu estava em casa, à tua espera, também o pensei, disse o marido.” (Saramago, 1995, p. 274). A segunda vez é quando, na igreja, deparam-se com as estátuas vendadas. A rapariga dos olhos escuros diz que “esperava não ter de ver em sonhos essa maldita galeria, de pesadelos já estava servida” (Saramago, 1995, p. 305).

Os sonhos são uma tentativa de elaborar os efeitos pulsionais daquilo que nos sucede. Se se abatesse sobre nós a cegueira branca, certamente sonharíamos com tal desgraça na tentativa de elaborar o trauma sofrido. Os sonhos dos personagens de Saramago, mesmo aqueles que são narrados na forma de advertência, são maneiras de tratar o excesso diante do qual somos passivos.

### **Cegueira e passividade**

Sustentamos a tese de que os sonhos narrados no romance permitem algum tipo de metabolização da passividade das origens do sujeito psíquico reencontrada na cegueira. A cegueira, antes de ser uma metáfora da castração, como insiste Freud (1924), nos parece uma metáfora de uma passividade ainda mais radical que poderá, claro, ser traduzida posteriormente através do código recalcante fálico-castrado.

A passividade dos sentidos coloca a lógica do tudo ou nada para funcionar. Nos primórdios da constituição subjetiva, é impossível defender-se contra os estímulos. Aquilo que Freud vai chamar de *Reizschutz* vai se construindo aos poucos e só a partir de tal constituição de uma tópica protetora é que se torna possível pensar numa potência do desvio. Conseguir e poder não engolir, não ver, não ouvir, não ser penetrado: potência só adquirida depois dos sucessivos traumas ligados a estas excitações.

No caso da visão, o esquema de Freud, que coloca a atividade do sujeito em primeiro lugar, deve ser criticado. Camargos (2012) já o fez e nos convida a distinguir o ver e o olhar. A função de ver é sempre colonizada pelo sexual e, aos poucos, vai se constituindo como olhar. O olhar é sempre marcado pelo desejo e, neste sentido, jamais poderemos ver simplesmente. Uma visão fenomenológica, dos fatos em si, por assim dizer, é impossível. Sempre vemos o que somos capazes de olhar, a partir de nossa história libidinal.

Ser visto é prioritário ao ver. Ser visto é o que nos constitui inclusive como videntes, capazes de olhar. A mulher do médico, ao que nos parece, produz exatamente esta conclusão, depois que todos voltam a ver:

As imagens não vêem, Engano teu, as imagens vêem com os olhos que as vêem, só agora a cegueira é para todos, Tu continuas a ver, Cada vez irei vendo menos, mesmo que não perca a vista tornar-me-ei mais e mais cega cada dia porque não terei quem me veja. (Saramago, 1995, p. 302).

O imenso poder que a mulher do médico de repente passa a ter não deixa de ser também a inevitável reprodução da situação antropológica fundamental: ela está destinada a cuidar para sempre do outro, um outro que, por mais bem adaptado que possa estar à sua cegueira, sempre será marcado pela falta da visão que ela possui. A tentação de traduzir esta relação em termos do fálico / castrado, como faz Freud (1922 e 1924) é enorme. Com Laplanche, sugiro que não tenhamos pressa nesta tradução. A conclusão do romance parece apontar para algo mais complexo:

Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem. (Saramago, 1995, p. 310).

A cegueira de Édipo não precisa ser necessariamente interpretada como uma castração simbólica. Importante contrapor sua cegueira àquela de Tirésias. O adivinho foi cego por saber demais do sexual (Loraux, 1995, p. 216) e também Édipo fica sabendo, tarde demais.

A partir de Laplanche (2007), passamos a desconfiar que o código da castração não permite ver elementos pré-edípicos importantes. Deixar-se levar pelo sexual, ser submisso aos próprios desejos, ao isso, à alteridade interna: são descrições que estão aquém da castração e que podem, claro, ser traduzidas posteriormente por ela. Esta passividade radical, do eu frente ao pulsional, pode ser metabolizada através de muitas espécies de cegueira. O obsessivo e o fetichista, cada um a seu modo, ao se depararem com o sexual, insistem em localizar o prazer em um objeto apenas. Na histeria, não ver também pode ser levado às últimas consequências.

A metáfora da cegueira no romance de Saramago não deve, portanto, ser rapidamente equiparada à castração. Gostaria de apontar para dois usos

metafóricos da cegueira que nos apontam pra outras questões não passíveis de serem reduzidas ao código binário do fálico-castrado.

A primeira metáfora é a da justiça vendada. A ideia é fazer com que a justiça não visse as diferenças quando fosse julgar, que julgasse sem ver a quem. Ora, se é assim, por que não representá-la cega? Não seria mais honesto, pois deixaria mais claro que a justiça precisa ser conduzida para atravessar as ruas movimentadas de nossos desejos?

A segunda metáfora, muito presente em nossas discussões políticas, é designar o outro que expressa opinião contrária à nossa de cego. Não é por acaso que tal metáfora parece se impor. Tal depreciação, a meu ver, faz aparecer as origens pulsionais de todo saber. Numa discussão moral ou política, percebemos que a razão não consegue sobrepujar os afetos que sustentam as crenças. Crenças morais possuem profundas raízes libidinais, são parte da história libidinal de cada sujeito. Ser de esquerda ou de direita, por exemplo, não são posições que se escolhe livre de afetos. Tais posicionamentos devem ser vistos sempre como arranjos pulsionais poderosos que organizam conflitos psíquicos arcaicos. A possibilidade de fratura nesses arranjos provoca a tal cegueira: somos incapazes de ver outras possibilidades de ser e existir; incapazes de compreender os arranjos libidinais do outro...

Obviamente, a psicanálise não endossa um relativismo moral a partir deste tipo de consideração metapsicológica. Para dar exemplos excessivos: o racismo, o machismo, a homofobia são arranjos pulsionais que devem ser desconstruídos. A razão desse direcionamento não é, de forma alguma, a crença de que devemos encontrar um homem purificado de preconceitos ao final de uma análise. A razão é outra: trata-se de fazer ver que o excesso do visível, como no preconceito, é uma espécie trágica de cegueira. Este excesso que coloca o sujeito como exceção: todo negro é x; logo sou y. Toda mulher é x, logo, como homem, sou y. Todo gay é x, logo, como heterossexual cisgênero, sou y. É essa separação muito radical entre o eu e o outro que está em questão. Separação que não admite áreas transicionais, que não admite nenhum tipo de potência criativa. Uma separação que fixa e congela identidades num excesso visível. Partimos do pressuposto que tal separação é o avesso do que se espera de um resultado de análise.

Podemos descrever uma das finalidades da análise como o convite à árdua tarefa de ser cego sem estar cego à alteridade interna e externa. Uma alteridade que Freud descreveu como *umbigo*. Isto é, uma cicatriz que nos convoca a reconhecer que começamos juntos, que começamos numa “dependência absoluta”, como nomeou Winnicott (1960/1986, p. 46), ou uma dependência radical, como prefiro nomear. O começo não determina o final: nem que tenhamos que continuá-lo, nem que tenhamos que recusá-lo produzindo seu avesso. Nada torna necessário continuar dependente e devemos desconfiar de toda teleologia moral que nos convoca à autonomia idealizada. A tarefa analítica talvez possa ser descrita como possibilitar estar sozinho com o outro, esforçar-se para que o encontro seja, de fato, com o outro. Desconfiar de si mesmo: esforçar-se para encontrar em si elementos desconhecidos, surpreendentes, de repente, para fora do ponto cego.

A discussão com um oponente que se mostra impermeável à mudança ou, no mínimo, à aceitação da alteridade não deve ser tomada como paradigma das relações libidinais. Preferimos pensar que toda relação objetal está marcada pela potência do sexual. Ora essa potência será excessivamente recusada; ora haverá bons encontros, boas trocas. Sempre, no entanto, devemos abrir espaço pra esta potência da cegueira: não crer demais, não julgar demais, não ter tanta certeza... Não se trata de uma ética aristotélica. O caminho do meio só pode ser alcançado se reconhecermos o excesso. Esta prudência como final ideal de uma análise sempre será *resposta* a um excesso que, de repente, pode cair sobre nós, como a branca cegueira descrita por Saramago.

Em tempos do politicamente correto, a metáfora da cegueira como uma espécie de burrice é temerária. Se pensarmos nas condições de vida dos que sofrem perdas visuais reais, perceberemos de forma clara a incapacidade brutal e covarde da nossa sociedade em acolher tais sujeitos. A perda da visão, para muitos, significa uma suspensão violenta de direitos civis básicos, como o direito à mobilidade pela cidade. Ao invés de cegueira, poderíamos tentar fazer trabalhar o termo insensibilidade ou incapacidade de identificar-se com os que sofrem.

### **Excursão: Tomé e o buraco na tópic**



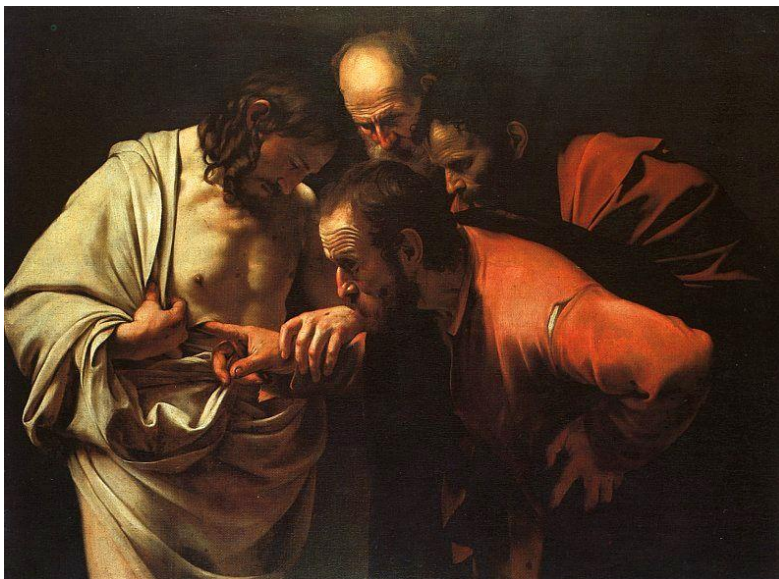


Fig. 1. A incredulidade de São Tomé, Caravaggio (1599)

A tradição judaico-cristã está repleta de metáforas que trazem a visão e a cegueira como posições morais a serem ora alcançadas, ora rechaçadas. Citemos algumas dessas passagens apenas para mostrar como é possível fazer trabalhar o pulsional através do olhar.

A primeira está descrita em João 20: 25-29<sup>3</sup> e narra a desconfiança de Tomé. Ele não crê no relato de outros apóstolos que dizem ter visto o Cristo ressuscitado. Ele diz: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei.” (João 20:25). Depois de tocar as feridas de Jesus, este lhe diz: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.” (João 20: 29).

Na imagem que Caravaggio faz desta cena, percebemos claramente que não basta tocar, mas ver o dedo entrando na ferida. Perscrutar mais que ver. Trata-se de constatar a abertura na tópica do corpo. O excessivo rompimento do corpo que gera a exceção do corpo que sobrevive a isso. O excesso e a exceção conjugados no corpo ressurto. A advertência de Jesus aponta para sustentar o paradoxo de ver sem crer; renúncia do pulsional tátil-visual, por assim dizer, direcionado para a dinâmica da fé, da crença no invisível.

Uma segunda metáfora dessa mesma tradição judaico-cristã, no entanto, nos convoca a ver:

---

<sup>3</sup> Uso a tradução disponível aqui: <https://www.bibliaonline.com.br/>

Não julgueis, para que não sejais julgados.  
 Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.  
 E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?  
 Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?  
 Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão. (Mateus 7: 1-5)

A metáfora aponta para a prudência no momento de julgar. O argueiro, o cisco no olho do outro, pode ser bem menor que a trave no olho de quem julga. O imperativo aqui, então, é para ver melhor, com mais cautela. O mesmo vai acontecer em toda série de milagres feitos no sentido de curar os cegos, de fazê-los ver. O mito vai insistir, portanto, na recuperação da visão para encontrar a salvação, um caminho melhor, a prova do invisível na produção do visível.

Em se tratando de inconsciente, é sempre bom fazer trabalhar estas metáforas. Por definição, estamos fazendo oscilar o pêndulo entre o visível e o invisível, tornando possível o reconhecimento do inconsciente por parte de alguém. Visível em suas formações – o sintoma e o sonho, principalmente – e invisível na potência das repetições, da invisibilidade das razões pelas quais somos e agimos. O imperativo analítico também irá oscilar entre um (a) é preciso não enxergar para ver; e um (b) é preciso ver melhor antes de desejar ver demais.

## **Conclusão**

Jamais consegui apresentar uma descrição melhor do que esta do estranho estado de espírito no qual ao mesmo tempo se sabe e não se sabe uma coisa. É claramente impossível compreendê-lo, a menos que nós mesmos tenhamos experimentado. Eu próprio tive uma notável experiência dessa natureza, que ainda está nítida em minha mente. Quando tento recordar o que se passou em minha mente na época, só me lembro de muito pouco. O que aconteceu foi que vi algo que não se ajustava absolutamente à minha expectativa; contudo, não permiti que o que vi perturbasse em nada meu plano fixo, embora a percepção devesse ter posto um parapeito nele. Estava inconsciente de qualquer contradição quanto a esse ponto. Tampouco estava consciente de meus sentimento de repulsa, que, não obstante devem sem dúvida ter

sido responsáveis pelo fato de a percepção não ter produzido nenhum efeito psíquico. Eu estava sendo afligido por aquela cegueira de quem vê, que é tão surpreendente nas atitudes das mães para com suas filhas, dos maridos para com suas esposas e dos governantes para com seus súditos. (Freud, 1893/1995, p. 144n1).

A breve nota de Freud deixa bem claro algo que vai aparecer em sua obra de forma bastante consistente: psicologia individual e social coincidem, se comunicam de forma vigorosa. A cegueira histórica é transposta rapidamente: da relação entre mãe e filha para as relações de gênero e finalmente para as relações políticas. Como se tratasse de um mesmo ponto perpassado por uma espiral.

O exame de *Ensaio sobre a Cegueira* permite mostrar esta espiral: o social não pode ser reduzido ao pulsional, mas é impossível entender fenômenos sociais complexos sem levar em consideração a posição dos sujeitos envolvidos de forma particular nestes fenômenos. Por mais que sejamos tentados ao ler o romance de Saramago a desconfiar de uma natureza animalesca, das forças cegas da natureza em nós, devemos reiterar a força da “mulher do médico” e do grupo que ela conduz como um ponto de singularidade que resiste a usar a cegueira como álibi para o sadismo. Nem o sadismo, nem o desamparo: fazer uso da cegueira, fazer uso do desejo e do poder de ver.

Cego é quem não quer ver, nos diz a sabedoria popular. Há algo que podemos acolher disso. Há sim desejo de ver e há também recusa em ver. O pulsional, a história libidinal de alguém, determina as condições de possibilidade do ver. E o ver e o não-ver, por sua vez, entram nos jogos sociais alimentados e alimentando estas histórias libidinais particulares.

### **Referências bibliográficas**

- Camargos, L. (2012). *Do ver ao perder de vista: a psicanálise do olhar*. Petrópolis: KBR.
- Freud, S. (1910/1970). A contribuição psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. Trad. J. Salomão. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, pp. 193-203.

- Freud, S. (1910/1999). Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt Am Main: Fischer, vol. VIII, pp. 93-102.
- Freud, S. (1893/1995). Estudos sobre a histeria. Trad. C. Barros. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. II, Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J. (2007).Castration et Oedipe comme codes et schémas narratifs. In Laplanche, J. *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*. Paris: Quadrige/PUF, pp. 293-300.
- Loroux, N. (1995). *The experiences of Tiresias. The feminine and the greek man*. (Paula Wissing, Trad.). Princeton: Princeton University Press.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. Das Letras.
- Winnicott, D. (1960/1986). The theory of parent-infant relationship. In Winnicott, D. *The maturational processes and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. New York: International Universities Press, pp. 37-55